



*Reflexão Estética
da Literatura 2*

Adriana Demite Stephani
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020



Reflexão Estética da Literatura 2

Adriana Demite Stephani
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Adriana Demite Stephani

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexão estética da literatura 2 / Organizadora Adriana Demite Stephani. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-489-4

DOI 10.22533/at.ed.894202610

1. Literatura. 2. Estética. I. Stephani, Adriana Demite (Organizadora). II. Título.

CDD 801.93

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“Reflexão Estética da Literatura 2” intitula a coletânea de 25 artigos que possui a literatura, suas facetas e interseções como mote. A partir de diversas abordagens teóricas, os autores apresentam olhares e discussões sobre a recepção e análise de obras literárias de diferentes gêneros, estilos, épocas, contextos históricos, espaços geográficos e temas.

Nessas análises, somos transportados para o sul do continente africano, suas histórias, imperadores, guerrilhas e cotidiano pelas obras moçambicanas *Neighbours*, escrita por Lília Momplé, *Ualalapi* e *As mulheres do imperador*, de Ungulani Ba Ka Khosa, *Quem manda aqui?*, conto de Paulina Chiziane, pelo livro de poemas *Karingana ua Karingana*, de José Craveirinha e pela obra *Kiriku e a feiticeira*, do animador francês Michel Ocelot.

Espaços, personagens brasileiros, contextos e estruturas narrativas são apresentados nas análises de: *O retrato do rei*, de Ana Miranda, a partir das referências metapicturais do seu contexto narrativo; *Grande sertão: veredas* (1956) e o sentido do envelhecimento de Riobaldo; nas representações do mundo do oprimido e dos mecanismos de opressão nas obras “O louco do Cati” (1984), um romance oral do gaúcho Dyonelio Machado, e, em *Selva Trágica*, de Hernani Donato retratando uma “escravidão” da/pela erva nas primeiras décadas do século XX, no sul do antigo Mato Grosso; a “transculturação narrativa” é analisada em *Terra Papagalli*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta; e, a pluralidade de motivações das quais partiu Lobato para compor “Inquérito sobre o saci” também é exposta.

Os temas suicídio e igreja são abordados na análise comparativa do romance *A viuvinha* (1857), de José de Alencar com o periódico *A Abelha – Verdade e Caridade* (1854), vinculado à Igreja Católica; assim como, analisa-se o discurso crítico antirreligioso católico presente nos esperpentos do autor espanhol Ramón María del Valle-Inclán (1866-1936), escritos entre 1921 e 1927. Representações peculiares e figuração arquetípica do Mal são objetos de análise nas obras *Marked*, de Steve Ross, *Punk Rock Jesus*, de Sean Murphy, e *Fausto: uma tragédia de Goethe*, de Mefistófeles.

Discussões sobre leitura e leitor também compõem esta coletânea com pesquisas sobre o que e como liam os cariocas da segunda metade do século XIX, as contribuições de Antonio Candido para o ensino de poesia, e, a ressocialização de pessoas pelas práticas de leitura.

A poesia igualmente é objeto de estudos dos textos que discutem as metáforas metalinguísticas, o eu-poético, o lugar de onde fala em poemas de Astrid Cabral, Hilda Hilst; como também, há um estudo comparado entre o poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, do poeta brasileiro Manuel Bandeira e o poema “Passaporte para Pasárgada” (1946), do poeta cabo-verdiano Osvaldo de Alcântara. No que se refere aos textos dramáticos, há artigos sobre a dramaturgia comparada no Brasil e a imagética cênica do texto dramático

Teatro Decomposto ou O Homem-Lixo, do romeno Matéi Visniec.

A interseção entre a literatura e o jornalismo é analisada no livro de crônicas *A vida que ninguém vê* (2006) de Eliane Brum, e, as diferenças entre o tratamento da homossexualidade são observadas no romance *Simon vs. a agenda Homo Sapiens* e em sua adaptação cinematográfica, intitulada *Com amor, Simon*. E, fechando essa miscelânea, *Auto-reflexões de um biógrafo acidental* apresenta pesquisas de trajetórias relevantes para a arquitetura e o planejamento urbano na Argentina.

Os artigos proporcionam ao leitor uma imersão nos aspectos da recepção e da teoria literária, assim como viagens por mundos, temas e contextos tão diversos. Boa leitura!

Adriana Demite Stephani

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

“EM CASA DE LEIA E JANUÁRIO”: AFETOS E DESAFETOS NA OBRA LITERÁRIA *NEIGHBOURS* DE LÍLIA MOMPLÉ

Maria Aparecida Nascimento de Almeida

Rosilda Alves Bezerra

Lorraine Sobral Correia de Lucena

DOI 10.22533/at.ed.8942026101

CAPÍTULO 2..... 14

A PROSA MODERNA DE UM CHAMADO JOÃO, UMA DISCUSSÃO QUE NÃO SE ENCERRA

Rosalina Albuquerque Henrique

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

DOI 10.22533/at.ed.8942026102

CAPÍTULO 3..... 20

O PROCESSO INTERMIDIÁTICO EM *O RETRATO DO REI*, DE ANA MIRANDA

Cristina Reis Maia

DOI 10.22533/at.ed.8942026103

CAPÍTULO 4..... 32

AS MARCAS DA OPRESSÃO EM *SELVA TRÁGICA*, DE HERNANI DONATO

Jesuino Arvelino Pinto

João Batista Cardoso

Vera Lúcia da Rocha Maquêa

DOI 10.22533/at.ed.8942026104

CAPÍTULO 5..... 43

POR UMA EPISTEMOLOGIA DO OPRIMIDO: ESTUDO DO ROMANCE *O LOUCO DO CATI* DE DYONÉLIO MACHADO

Nailton Santos de Matos

DOI 10.22533/at.ed.8942026105

CAPÍTULO 6..... 64

A LITERATURA COMO ESTRATÉGIA CONTRADISCURSIVA EM UNGULANI BA KA KHOSA E PAULINA CHIZIANE

Carina Marques Duarte

DOI 10.22533/at.ed.8942026106

CAPÍTULO 7..... 74

O SUICÍDIO NA FICÇÃO E NO PERIÓDICO CATÓLICO: *A VIUVINHA*, DE JOSÉ DE ALENCAR, E *A ABELHA* – VERDADE E CARIDADE

Iza Terezinha Gonçalves Quelhas

DOI 10.22533/at.ed.8942026107

CAPÍTULO 8	86
O DISCURSO VALLE-INCLANIANO ESPERPÊNTICO CONTRA À IGREJA CATÓLICA ESPANHOLA	
Gustavo Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8942026108	
CAPÍTULO 9	95
CAMINHANDO EM DIREÇÃO DO TRANSCULTURALISMO EM TERRA PAPAGALI	
Camila Marcelina Pasqual	
DOI 10.22533/at.ed.8942026109	
CAPÍTULO 10	106
O INQUÉRITO SOBRE O SACI PERERÊ: UM LOBATO MÚLTIPLO	
Amaya Obata Mouriño de Almeida Prado	
DOI 10.22533/at.ed.89420261010	
CAPÍTULO 11	118
ENTRE LIVRO E TELA: A AVENTURA DO HERÓI NA LITERATURA DE RECEPÇÃO INFANTIL	
Maria Zilda da Cunha	
Maria Auxiliadora Fontana Baseio	
DOI 10.22533/at.ed.89420261011	
CAPÍTULO 12	129
LEITURAS E LEITORES NO OITOCENTOS CARIOCA	
Valdiney Valente Lobato de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.89420261012	
CAPÍTULO 13	139
ANTONIO CANDIDO E O ENSINO DE LITERATURA	
Jefferson Silva do Rego	
Larissa Leal Neves	
DOI 10.22533/at.ed.89420261013	
CAPÍTULO 14	147
“VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA” ANUNCIANDO “CÂNTICO DA MANHÃ FUTURA”	
Andréia Maria da Silva	
Marinei Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.89420261014	
CAPÍTULO 15	159
COMUNIDADE DE TERRITÓRIO: A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NACIONAL NA POESIA DE CRAVEIRINHA	
Vanessa Pincerato Fernandes	
Marinei Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.89420261015	

CAPÍTULO 16	167
ASTRID CABRAL: METÁFORAS DO EU-POÉTICO POETA Carlos Antônio Magalhães Guedelha DOI 10.22533/at.ed.89420261016	
CAPÍTULO 17	185
LÍRICA E INTERLOCUÇÃO EM HILDA HILST Sandra Aparecida Fernandes Lopes Ferrari DOI 10.22533/at.ed.89420261017	
CAPÍTULO 18	196
LEITURAS, LITERATURA E REMIÇÃO DE PENA: POLÍTICA PÚBLICA PARA RESSOCIALIZAÇÃO NAS PRISÕES DO DF Ana Cristina de Castro Robson Coelho Tinoco DOI 10.22533/at.ed.89420261018	
CAPÍTULO 19	206
REFLEXÕES: A DRAMATURGIA COMPARADA NO BRASIL Alexandre Francisco Solano DOI 10.22533/at.ed.89420261019	
CAPÍTULO 20	217
AS POÉTICAS DO (DES)HUMANO E A DECOMPOSIÇÃO DOS IMAGINÁRIOS CONTEMPORÂNEOS NO TEATRO DE MATEI VISNIEC Alexandre Silva Nunes DOI 10.22533/at.ed.89420261020	
CAPÍTULO 21	223
A MODERNIDADE NA POESIA DE BAUDELAIRE SEGUNDO A TEORIA WALTER BENJAMIM Wanice Garcia Barbosa Valéria Maria Barboza Ferro DOI 10.22533/at.ed.89420261021	
CAPÍTULO 22	231
A NOÇÃO DE CREDIBILIDADE EM <i>A VIDA QUE NINGUÉM VÊ</i> DE ELIANE BRUM: UMA INTERSEÇÃO POSSÍVEL ENTRE A LITERATURA E O JORNALISMO Nathália Coelho da Silva DOI 10.22533/at.ed.89420261022	
CAPÍTULO 23	242
SIMON VS. SIMON: INTERTEXTUALIDADE E ADAPTAÇÃO Denise Veras Igor Sampaio DOI 10.22533/at.ed.89420261023	

CAPÍTULO 24	252
REPRESENTAÇÕES DO MAL EM REESCRITAS EVANGÉLICAS DE SEAN MURPHY E STEVE ROSS Delzi Alves Laranjeira DOI 10.22533/at.ed.89420261024	
CAPÍTULO 25	263
MEFISTÓFELES: O MAL COMO NECESSIDADE EXISTENCIAL Jonatas Alexandre Lima de Oliveira DOI 10.22533/at.ed.89420261025	
CAPÍTULO 26	271
OBJETIVANDO SUBJETIVIDADES EN UNAS APROXIMACIONES BIOGRÁFICAS Ana María Rigotti DOI 10.22533/at.ed.89420261026	
SOBRE A ORGANIZADORA	281
ÍNDICE REMISSIVO	282

OBJETIVANDO SUBJETIVIDADES EN UNAS APROXIMACIONES BIOGRÁFICAS

Data de aceite: 01/10/2020

Ana María Rigotti

CURDIUR - UNR/CONICET

RESUMO: La construcción biográfica supone una lucha en sordina entre el biógrafo y su objeto de estudio, resistiendo la fascinación y hasta la identificación. La reflexión retroactiva sobre estos procesos de empatía y transferencia, pero también íntimos rechazos, me permiten identificar en tres experiencias biográficas —las de Gaston Bardet, Ermete De Lorenzi y Mario Corea-Aiello— los modos en que las obsesiones y debilidades subjetivas ayudan a explicar los derroteros individuales y a capturan con dramatismo los desafíos por el reconocimiento y la consagración que atravesaron estos tres personajes en sus respectivos momentos. Al identificar climas epocales con trayectorias singulares, entretejidos por un delicado juego de selecciones y traducciones de ideas e imágenes en circulación, ha sido posible avistar la singularidad de algunas problemáticas específicas del contexto arquitectónico y urbanístico argentino

PALAVRAS - CHAVE: Biografía – trayectoria – subjetividad – autobiografía - consagración.

ABSTRACT: Biographical constructions imply a silent struggle between the biographer and his/hers object of study, resisting fascination and even identification. The retroactive reflection on these processes of empathy and transference, but also

of intimate rejections, allow me to identify in three biographical experiences -those of Gaston Bardet, Ermete De Lorenzi and Mario Corea- the ways in which subjective obsessions and weaknesses help to explain individual courses and to capture the challenges of recognition and consecration that these three characters went through in their respective scenarios. By identifying unique trajectories within epochal climates, interwoven by a delicate set of selections and translations of ideas and images in circulation, it has been possible to consider some specific problems of the Argentine architectural and urban context

KEYWORDS: Biography - trajectory - subjectivity - autobiography - consecration.

11 AUTO REFLEXIONES DE UNA BIÓGRAFA ACCIDENTAL

A pesar de haber leído con fruición a los críticos de la “ilusión biográfica” (BOURDIEU, 1986), me embarqué, una y otra vez, en investigaciones centradas en trayectorias relevantes para la arquitectura y el urbanismo en Argentina (RIGOTTI, 2007, 2014, 2017).

No busqué la biografía como instrumento para construir un héroe. Hurgando en archivos, estableciendo vínculos con familiares o a través de la confianza construida en una entrevista, me topé con algunos *corpus* que me abrieron las puertas a palpitantes retazos de vida que no supe ni quise eludir. Resultaban tentadores en su accesibilidad y me dejé atrapar en largos viajes por universos y contingencias ajenas.

Seducida, también resistía hasta cierto punto la fascinación por estos personajes que, desde su coherencia incierta, ponían en cuestión periodizaciones y caracterizaciones teóricas, formales y contextuales aceptadas.

No hay dudas de las afinidades electivas que me llevaron a tropezar con esas vidas, habilitar la escucha y creer descifrar en ellas intenciones y sentidos. Me culpé por arrogarme una lucidez que desconocía en ellos, por arrastrar sus textos y proyectos a los meandros de la puja por la consagración, por usarlos como instrumentos para indagar con originalidad en la cultura arquitectónica. Desoyendo las prevenciones respecto a mantener una distancia objetiva respecto a los sujetos en estudio, me enredé en juegos empáticos. Fantasmas propios, abonados por la vida académica y la pasión por la arquitectura, habilitaron la atracción por aspectos íntimos del otro, por sus conatos de individualidad matizados por la lucha por hallar un público y un reconocimiento esquivo, descifrando las reglas de juego que el momento y el lugar definían. A través de una suerte de comunión -no sólo intelectual, sino afectiva- creí comprender cómo los rumbos prefijados por el espacio estriado de la profesión adquirirían un peso dramático en cada encrucijada donde debieron vivir.

Pongo aquí en discusión mis intuiciones sobre el inusitado y paradójico interés de evocar la amplitud de una trayectoria y una producción por el registro de su flanco más oscuro: las pulsiones recurrentes, las ambivalencias intelectuales, los repentinos cambios de dirección. Creo que allí podemos rastrear la “pequeña x” (BARRETO y LOPEs, 2012), esa ecuación singular que se resiste a ser explicada por las lógicas del grupo, esos desplazamientos mínimos asociados a procesos de subjetivación vinculados al esfuerzo por lidiar con las normas que el momento impone, y que son útiles para enriquecer y matizar, desde trayectorias y experiencias individuales, las explicaciones genéricas aceptadas por la historiografía.

En este caso me refiero a los celos de Gaston Bardet (1907-1989), brillante joven arquitecto francés, *logiste* del Gran Prix de Rome, obnubilado por una carrera ascendente en el nuevo campo del urbanismo que, en su disputa con Le Corbusier, genera sus ideas más originales con inesperado impacto en Argentina a fines de los años cuarenta, pero también se enfrenta con el público nacional e internacional hasta perderse en un desvío místico. También al narcicismo de Ermete De Lorenzi (1900-1971), propio de aquellos primeros arquitectos modernos que se veían a sí mismos con la suprema libertad para trazar un camino sin huellas, ya presente en su prepotencia de inventor y sus desvaríos musicales, y que explica su incapacidad para aceptar la mínima crítica y lo conduce a renunciar, dos veces, a la buscada dirección de una escuela de arquitectura. Finalmente reconozco en la arrogancia de Mario Corea Aiello (1939), el combustible indispensable para actuar desde una crítica inflexible aun contra sus pares, superando la seducción blanda de proyectos resumidos en imágenes fantásticas, que lo conducen a su propia impugnación como arquitecto y al exilio, precios a paga por situarse como parte de una vanguardia de latitud internacional a fines de los años sesenta.

Procuro mostrar la sugestión que un despliegue impúdico de estas obsesiones, de los furores que alimentaron la inspiración de estos personajes singulares, pueden aportar a la comprensión del fracaso de la profesionalización del Urbanismo en Argentina, del aparente eclecticismo de la primera modernidad, de la renuncia a la especificidad de las vanguardias artísticas. Como señala Jean Claude Perrot (1992, p. 56-60), estas experiencias personales filtran las actividades cognitivas y creativas, y dan cuenta de los límites con los que una comunidad intelectual reconoce y solicita a sus miembros, y también los confronta y eventualmente recusa.

Lo que une a estos breves relatos biográficos son los “castigos”, las huidas al abismo de los tres biografiados en momentos de aparente éxito. Lo he subrayado en un trabajo que opta por las ventajas de lo sugerente antes que por la conveniencia de la demostración, para poner en evidencia la inevitable colisión de estas trayectorias trazadas con astucia frente a las lógicas del contexto y las confrontaciones generacionales.

2 | UN MELODRAMA

Gaston Bardet fue autor de un corpus teórico excepcional en el que articula la morfología urbana con la morfología social. Su influencia ha perdurado a través de la recuperación que Aldo Rossi hizo de sus reflexiones sobre la ciudad construida, los elementos primarios y los monumentos como transmisores de cultura.

Descendiente de una familia de artesanos de la madera de Vichy e hijo de arquitecto, inicia una carrera brillante en l'École des Beaux-Arts con E. Pontrémoli, autor de un libro de teoría de título sintomático: *Propos d'un solitaire*. A pesar de haber ganado nueve medallas y dos premios, en 1931 y antes de diplomarse, decide hacer un violento cambio de orientación del edificio a la ciudad. La noción que elige para justificar sus estudios en el *Institut d'Urbanisme* de Paris (IUP) construye identidad: “insatisfacción” por la falta de atención prestada a la relación entre proyecto y lugar. También inicia estudios de medicina para perfeccionar una aproximación orgánica a la complejidad social: se autodenominará biólogo urbano.

Sus logros son múltiples y promisorios. A los 25 años se diploma como arquitecto y es el primer laureado francés del IUP con una monografía premiada por l'Académie des Beaux Arts. A los 30 es *logiste* del Prix de Rome y *chef d'agence* de la Exposition Internationale des Arts et Techniques. Recibe su primer encargo importante: un plan para la recuperación paisajística de Vichy. Como miembro de la *Société Française des Urbanistes* (SFU) se destaca como nueva e innovadora voz al cuestionar el proyecto de extensión de Paris de Henri Prost. Estudiantes descontentos del IUP lo convocan como jefe del Atelier Supérieur d'Urbanisme Appliqué y reciben los más altos honores en el 6° Salon des Urbanistes. *L'Architecture d'Aujourd'hui* le encargaba el balance de veinte años de Urbanismo en Francia.

La guerra troncha este ascenso meteórico: oficial del cuerpo de ingenieros,

condecorado en Dunkerke y hecho prisionero, escapa y vuelve a una París casi desierta. En ese escenario “intelectualmente amurallado” construye un enemigo a la altura de sus pretensiones. Elige a Le Corbusier: extranjero, sin formación académica ni logros patrióticos, venido de las inconsistencias del arte, quién podía resultar ambiguo a la Autoridad cuando disputan los favores del mariscal Pétain. Es su Némesis y le sirve como espejo invertido. Ocupa casilleros que al otro le son vedados (un doctorado en la Sorbonne, la secretaría y luego la vicepresidencia de la SFU, cátedras en Argelia, la creación del Institut International et Supérieur d’Urbanisme Appliqué en Bruselas); disputa los compartidos: el congreso de Hastings (1947) donde descubre felices coincidencias con el urbanismo anglosajón y conoce a “su gran amigo” Lewis Mumford, el Commissariat à la Reconstruction, las Naciones Unidas, eventualmente América.

La confrontación se agrava cuando el Commissariat se pronuncia a favor del “urbanismo moderno”. Bardet ya no mide sus palabras: “aprendiz de brujo”, “Hausmann del siglo XX al servicio del capitalismo y la especulación”, “urbanista para insectos”, “mercader de perspectivas”. Observaciones acertadas a los estudios de asoleamiento le aporta argumentos para condenar la *ville ombreuse*, y se solaza con los cuestionamientos del Ministerio de Salud al *placard* de Marsella. Pero esta inquina también inspira sus aportes teóricos más interesantes. Frente a la condena corbusierana de la *rue corridor*, valora la calle y los alineamientos comerciales como gérmenes de urbanidad; frente a la universalidad de sus principios, elabora un enfoque fundado en el riguroso relevamiento de las fuerzas dinámicas de la vida; frente a los criterios abstractos del CIAM y la preservación de valores inmobiliarios del *zoning* norteamericano, postula una teoría de agrupamientos en distintas escalas tendientes a una federación de comunidades; frente al arte disolvente de las vanguardias, propone un “urbanismo cristiano” asociado a Alexis Carrel y Gabriel Marcel.

La personalidad difícil de Bardet no era nueva; él mismo lo había reconocido tácitamente al reseñar la obra de J. N. C. Forestier:

[...] activo, de boca irónica, con repugnancia por lo absoluto, es capaz de adaptarse al sitio, al carácter, a la vida misma tratando cada obra como un caso único. Rodeado de colaboradores a los que permite generosamente el desarrollo de sus iniciativas y talentos personales, con un gusto natural por lo pintoresco que sabe atemperar con el cartesianismo de su formación y con el alto sentimiento social con que impregna su arte sutil hecho de poesía, arquitectura y humanidad, crea obras modernas a partir de motivos provistos por la tradición local, que alcanzan una dimensión magnífica del otro lado del Atlántico. (BARDET, 1935)

América era un llamado y, cada vez más aislado, restringido a encargos en pequeñas ciudades de provincia, inicia sus viajes a los 41 años, trasladándose al continente en cuatro oportunidades (RIGOTTI, 2014). No viene invitado por selectas asociaciones civiles, sino por sus condiscípulos del IUP a escenarios académicos. En Argentina ofrece oxígeno a

desplazados por los seguidores de Le Corbusier, en particular a C. M. Della Paolera y su recién creado Instituto Superior de Urbanismo (ISU) que inaugura con un curso de cuatro meses en 1949. Sus conferencias son muy difundidas y la editorial Eudeba publica *El Urbanismo* (1959) que pasa a ser bibliografía obligatoria en todas las escuelas de arquitectura.

Paradojas crueles del destino, es en el IV Congreso Histórico Municipal Interamericano (Buenos Aires, octubre 1949) que se presentan, simultáneamente, el proyecto de renovación urbana del Bajo Belgrano realizado bajo la conducción de discípulos directos de Le Corbusier y los ejercicios de topografía social en el barrio Belgrano realizados en el ISU bajo la dirección de Bardet. Esta desafortunada convergencia, que coincide con el ocaso de ambos grupos, alienta el contraste entre la magnificencia *beaux arts* del *projet rendu* de los primeros que opaca el puntillismo respetuoso de las preexistencias y lazos comunitarios del segundo, deslucido a pesar de su corrección política.

El resentimiento frente al desenlace anunciado de esta lucha sorda y fatal, contribuye al *snap* místico de Bardet declinado en *Demain c'est l'an 2000* cuya escritura lo ocupa en el gris invierno porteño. Denuncia el pillaje de los recursos planetarios y predica un inminente renacer espiritual surgido de la reacción biológica frente a la uniformidad, los peligros de la razón y la vida trepidante y mecanicista. A pesar de este rumbo religioso, un dato que completa el cuadro de extravío y autoexilio que se impone al final de su vida tiene que ver con la ruptura, luego de años de colaboración, con el padre L. J. Lebreton por la “marxiciación” de su movimiento Economía y Humanismo (CESTARO, 2005).

Se trata de un melodrama situado: emergencia del urbanismo como profesión de Estado, las condiciones del gobierno de Vichy, los fondos de la reconstrucción y la presencia impiadosa de Le Corbusier, donde la aventura americana estaba preanunciada en esta guerra por la consagración. La singularidad de Bardet la encontramos en la imposible convergencia entre su furor místico y una retórica instruida que lo terminan empujando al abismo en una alienación solipsista.

3 | UNA TRAGEDIA

Pocas cosas son tan reveladoras de una personalidad como la conformación del propio archivo como correlato de la autoconstrucción de un yo excepcional. Ermete De Lorenzi deja trazos de su genialidad desde la más tierna infancia: cuadernos y apuntes escolares, todas las instancias del proceso de concepción de los 230 proyectos en que estuvo involucrado, grabaciones musicales, versiones preliminares datadas de sus escritos, listado de su biblioteca y hasta los recibos de sus viajes a Europa.

La cuestión del talento natural es un tema que De Lorenzi, en forma clásica, asocia a una niñez débil que lo condena al aislamiento e impulsa a la introspección. No sólo cultiva el brillo desde sus inicios en instancias de consagración académica y profesional

(RIGOTTI, 2007, p.11-15). En sus proyectos de planes de estudio lo considera un requisito para el ingreso (un ejercicio de composición para evaluar “la pasta del futuro arquitecto”) y el avance en la carrera por concursos de emulación en base a croquis, vehículo rápido de la inspiración (RIGOTTI, 2000). Está presente en su voluntad de reconocimiento través de cargos directivos en instituciones artísticas y de bien público. Se revela en su prepotencia de “inventor”: motor a nafta, torno paralelo, chasis y carrocería auto, pantógrafo, aparato sonoro para transformar luz en sonido. Más aún en sus veleidades musicales desde las que se embarca en la aventura abstrusa de encontrar en una armonía revolucionada por A. Schönberg (a quien corrige y pretende superar) el hilo de Ariadna que conduzca a nuevas lógicas de composición arquitectónica (RIGOTTI, 2003).

Otro registro de este narcisismo tiene que ver con su producción teórica. A través de once publicaciones pretende demostrar que sus dotes de proyectista son secundadas por la producción intelectual: en realidad lecturas sistematizadas con un amplio repertorio de ejemplos redibujados que organizan sus clases de Teoría de la Arquitectura y considera de valor normativo. Ningún registro le es ajeno: los fundamentos de la disciplina en la “construibilidad”, la historia, la evolución de la vivienda, los principios de asoleamiento, el ensayo de materiales, nuevos métodos de perspectiva. Lo llamativo es que considera a cada una de estas incursiones (incluso sus oposiciones a concursos, sus propuestas de planes de estudio) como publicables, por la universidad o por ediciones de autor con diseño, portadas e ilustraciones propios.

Esta alta estima de sí es el correlato comprensible de su empresa como uno de los primeros arquitectos modernos en el país. En el marco de una disciplina convulsionada, con una formación *beaux arts* cuyos postulados venían de ser cuestionados, enfrenta el desafío de adecuarlos a estatutos sociales y políticos más modernos y democráticos. Asume la concepción de parámetros formales, distributivos y técnicos consistentes para los nuevos programas y los “sentimientos” adecuados para representarlos en el concierto urbano o rural. Destila nuevas gramáticas y lenguajes que, a lo largo de tres décadas, no duda en mutar en consonancia con los tiempos: de adaptaciones del clásico al *art déco*, los volúmenes blancos lanzados en horizontal y a transparencias suspendidas y oscilantes, con exploraciones que van desde el monumento conmemorativo a las viviendas de producción en serie.

Esta autoconciencia enervada está presente en su retrato como artista, con guardapolvo y boina. Tiene su correlato problemático en un individualismo beligerante -en sus palabras “una sinceridad extrema que le permitía salir triunfante de las polémicas e investigaciones que tales situaciones originan”- que lo llevan a descolocar a sus colegas con propuestas en solitario, pretendiendo respaldos que no llegan. Intolerante con el disenso, considera la incomprensión del medio como un ingrediente que certifica su originalidad derivando, en dos momentos cruciales de su carrera, en conflictos con alto costo personal. Que la situación se repita en dos instancias similares hacen de ello un síntoma de

consecuencias trágicas. En febrero 1945, luego de dos años como Delegado Interventor de Facultad de Ciencias Matemáticas UNL, una cátedra paralela lo impulsa a renunciar, cerrar su estudio en Rosario y trasladarse junto a su familia a Buenos Aires, dejando atrás incluso su recientemente inaugurado atelier que cede a su amigo, el pintor Julio Vanzo. Más intempestiva es su renuncia a pocos meses de asumir como primer decano electo de la nueva Facultad de Arquitectura y Urbanismo UBA que había colaborado a crear: supone casi el retiro de la vida profesional y la fuga sin destino en la música a los 49 años.

4 | UNA NOVELA CONTEMPORÁNEA

Pocas ocasiones son más elocuentes para capturar el delicado juego de transferencias e interacciones de ideas e imágenes en circulación que construyen la singularidad del pensamiento latinoamericano. En su trayectoria, Mario Corea rebota en diferentes frontones conformándose y reconfigurándose, a sí mismo y a sus colegas y alumnos, por la acción vital de una búsqueda y un movimiento con que lo tienta la hora (RIGOTTI, 2015). Más que al relato de una vida, conduce al contrastes entre sucesivos puntos de partida y un después transfigurado por los modelos culturales americanos, ingleses, italianos, franceses, catalanes, que hicieron de él, más que un inventor, un innovador en el sentido de Joseph Schumpeter, un introductor de nuevas teorías, nociones y formas en el ámbito local. Atrae porque condensa, como pocos, los heroísmos y aporías de la vanguardia estética a caballo entre el ciclo del desarrollismo y el de la radicalización política latinoamericanos.

Apuesto, rubio de ojos celestes, atildado, seductor, eximio dibujante, un Mercedes Benz rojo, son atributos no desdeñables para explicar el regreso siempre triunfal a su ciudad, Rosario, no importa el color político imperante. En 1967 el Decano Interventor de un gobierno militar lo designa con un cargo *ad hoc* como asesor en Diseño Urbano en el grado, posgrado y el proyecto de la ciudad universitaria, con alabanzas de Reyner Banham (1976, p. 157) como broche de oro. En 1998 y ya con garras menos afiladas, el intendente socialista lo transforma en Arquitecto del Estado y, desde 2007 asume la dirección de una oficina técnica para desarrollar la edificación pública de la provincia de Santa Fe.

En el Corea joven enfrentamos una secuencia desbocada de cambios bruscos de orientación, valoraciones y aún de las prescripciones implícitas: un asesinato sostenido de antiguos padres que no sacia, más notables en los escritos que en los proyectos, donde resultan evidentes ciertas inercias. Es a través de estas discontinuidades, de estas críticas aún a posturas recientemente asumidas, que construye su perfil de vanguardista, sostenido y reforzado por desplazamientos geográficos a centros álgidos del debate disciplinar (Boston 1963, Londres 1969, París 1971, Barcelona 1976). Lo impulsa una sed de conocimiento y libertad jamás menoscabada por el cálculo económico. Muta, vertiginosa pero consistentemente, en función de estos renovados vínculos, absorbiendo

y resignificando conceptos (megaformas, nodos de urbanidad, abordajes secuenciales del diseño, terminales abiertas, virtualidad) y formas (brutalismo, composición generativa, *mat-buildings*) que sucesivamente cuajan en definiciones taxativas sobre los qué, los quien y los cómo de estas “arquitecturas ciudad”. La inconstancia no es, para él y para sus seguidores, signo de soberbia. Se trata de una curiosidad en sintonía con la “metamorfosis” que impone una “realidad cuya constante es la dinámica del cambio”. Una voracidad destructiva que estratégicamente prefiere acallar cuando, ya exiliado en Barcelona después del golpe militar y en búsqueda de una clientela burguesa, refiere a “un proyecto único” (COREA, 1982).

Esta temeridad es el ingrediente necesario para integrarse a la iluminada vanguardia. Al igual que los otros, sus disquisiciones teóricas plagadas de citas de autoridad, son propias de un pensador del hacer: argumentan objetivos y estrategias formales tendientes a una buscada felicidad colectiva donde pretende construir su pedestal. Son normativas, sustentadas en la aclaración didáctica para favorecer la aceptación y la difusión; pero también para crear conflicto, para provocar una polémica que es la latitud de su esperado reconocimiento. No pretende ser cómplice de soluciones de compromiso, aquellas que ganan premios en concursos considerados como “meras oportunidades del marco externo” (aún el promovido por la Unidad Popular de Salvador Allende). Se piensa a si mismo como adalid de nuevas fisuras, de sucesivas vías de escape frente al sentimentalismo del Urban Design, el profetismo de las megaestructuras, los gestos vacíos de Archigram o la simplificación científicista de los metodólogos de diseño y la arquitectura de sistemas (COREA, 1972). Luego caerán bajo su pluma el “nihilismo del no diseño de los pequeños burgueses radicalizados”, las concepciones “espontaneístas” de John Turner o el “pedagogismo” del Taller Total cordobés (COREA, 1973).

La crítica feroz lo autoriza para asumir protagonismo en tiempos de revuelta. Aún su militancia política sirve para confirmar su condición de intelectual, ahora orgánico de la clase obrera, siempre atento a las coordenadas de su tiempo. Se trata de una deriva intempestiva hacia la Nueva Izquierda hablada por las ciencias sociales que descubre en Londres a través de sus compañeros italianos. Hay cierta ingenuidad en cómo lo justifica, borrando los límites entre las rabietas de jóvenes desencantados europeos y las calles de Córdoba o Rosario tomadas por el gremialismo combativo. Es la puerta para que un entusiasta graduado de Harvard, que ha denostado de “la tecnología y vocabulario folklorista o dependiente de una economía de subdesarrollo” (COREA, 1968), encuentre su intérprete en Mao Tse Tung, paradójicamente para justificar frente a otros militantes que eligen el fusil antes que la pluma, el valor de la especificidad, la potencia revolucionaria del técnico y la técnica para restituir al pueblo la autodefinición de su hábitat o esbozar tácticas para la lucha foquista en la ciudad.

5 | CONCLUSIONES

Tres ególatras brillantes muestran su brío y sus conflictos. Se prestan de maravillas para reforzar el tradicional perfil del artista atormentado y difícil, como si su brillo surgiera de la obsesión, los berrinches o el des-anclaje con lo normal. (WITTKOWER y WITTKOWER, 1963). Sin embargo he tratado de rehuir de la épica, tan asociada al género biográfico. Más acertados me han parecido otros subgéneros dramáticos para poner en evidencia el habla de los personajes y el de sus épocas: las emergencias del urbanismo, de la arquitectura moderna, de la vanguardia de los sesenta.

Espero haber mostrado cuán sugerente puede resultar evocar la amplitud de una trayectoria por el registro de su flanco más frágil e íntimo, tan lejano al perfil que sus protagonistas se empeñaron en revelar; también los márgenes de utilidad que los síntomas de subjetividades enervadas pueden aportar a la comprensión de las lógicas del grupo en que actuaron. Aun cuando el fuerte cultivo de sus individualidades los llevara a posiciones a contrapelo de las convenciones, dar cuenta de sus pasiones ofrece una perspectiva, fragmentaria pero viable, para reflexionar sobre los modos situados y datados de gestar ideas y formas; iluminan las posibilidades y riesgos de la encrucijada en que pretendieron asumir un rol protagónico, dispuestos a llegar hasta el final. Sus castigos –la fuga mística, el renunciamiento, el exilio- dan cuenta del costo de los dramas de la libertad y la invención en determinados contextos culturales, violencias que el medio impone a las dinámicas de identidad, censurando y al mismo tiempo señalando caminos redituables para rasgos difíciles: los celos, el narcisismo, la arrogancia.

REFERÊNCIAS

BANHAM, Reyner, *Megastructures*. Londres: Thames and Hudson 1976.

BARDET, Gaston. «Le quatrième Salon de la Société Française des Urbanistes», en *Travaux*, agosto 1935.

BARRETO DE SOUZA, Adriana, LOPES, Fábio Henrique. “Entretien avec Sabina Loriga: la biographie comme un problème”, en *Ouro Preto*, n. 9, agosto 2012, pp. 14-25.

BOURDIEU, Pierre. “L’illusion biographique” en *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 62-63, junio 1986, pp. 69-72.

CESTARO, Lucas R. *A atuação de Lebrez e da SAGMACS no Brasil (1947-1962). Ideias, planos e contribuições*. IAU Universidade de São Pablo, 2005.

COREA, Mario. “Estudio de un grupo de viviendas” en *A&P* n. 8, 1968, pp.73-80.

COREA, Mario. *Hacia una dimensión socio-política de la arquitectura y el urbanismo*, Córdoba: FAU UNC, 1972.

COREA, Mario. *El diseño transfuncional: la estructura posibilitante (Notas para la discusión)*, Córdoba: FAU UNC, 1973.

COREA, Mario (1982). "Cinco arquitecturas como proyecto único" en *ON 31*, pp. 22-29.

DOSSE, François. *Le pari biographique. Écrire une vie*, Paris: Editions La Découverte, 2011.

PERROT, Jean Claude. *Une histoire intellectuelle de l'Économie Politique*, Paris: Éditions de l'Écoles des Hautes Études en Sciences Sociales, 1992, pp. 56-60.

RIGOTTI, Ana M. "Un nuevo pacto en el dominio de la construcción. El plan de estudios para Arquitectura de 1933 de Ermete De Lorenzi" en *A&P 14*, 2000, p. 55-65.

RIGOTTI, Ana M. "La música: imperio de orden" en RIGOTTI A. M (ed.) *Ideas, lectura, obras, inventos: Ermete De Lorenzi*, Rosario: UNR ediciones, 2003, pp. 61-95.

RIGOTTI, Ana M. *Ermete De Lorenzi. Obra Completa*, Rosario: A&P ediciones, 2007.

RIGOTTI, Ana M. "Los viajes a Sud América de Gaston Bardet: otro urbanista francés en las pampas" en A. Grageda Bustamante (coord.) *Intercambios, actores, enfoques. Pasajes de la historia latinoamericana desde una perspectiva global*, Hermosillo: Univ. De Sonora, 2014, pp. 15-28.

RIGOTTI, Ana M. (2017). "Megaformas para una renovada urbanidad. Exploraciones de Mario Corea en cinco movimientos y una coda" en *Estudios del hábitat I* Vol. 15 (1) 014 JUNIO 2017, p. 1-28.

WITTKOWER Margot y Rudolf. *Born under Saturn*, New York: New York Review of Books, 2007 [1963].

SOBRE A ORGANIZADORA

ADRIANA DEMITE STEPHANI - Possui Licenciatura em Letras e Pedagogia. Especialista em Língua Portuguesa: Métodos e Técnicas de Produção de Textos. Mestrado e Doutorado em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é docente (Adjunto III) do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins, em Arraias, e do Programa de Pós-graduação em Letras da UFT/Porto Nacional. Tem experiência na área de Letras e Pedagogia com ênfase em Ensino de Língua e Literatura e outras Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, Letramentos, Arte e ensino, Arte Literária, Literatura e ensino, Literatura e recepção, Literatura e outras Artes, Leitura e formação, Leitura e Escrita Acadêmica e Literatura infanto-juvenil. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Literatura, Ensino e Recepção (LER), em parceria com docentes da UEG e UnB. Avaliadora do Inep/MEC de cursos de Letras e Pedagogia.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptação 96, 242, 243, 248, 249, 250, 251
Ana Miranda 20
Angel Rama 206, 208, 209
Antítese 167, 178, 180, 181
Antonio Candido 95, 139, 140, 145, 146, 206, 209, 210, 212, 213
Apartheid 1, 2, 5, 6, 7, 9
Aproximaciones Biográficas 271
Arquivo 129, 130, 131, 132, 134, 136, 138
Astrid Cabral 167, 168, 169, 171, 182
A viuvinha 74, 75, 77, 82, 84

B

Brasil 16, 17, 18, 19, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 42, 45, 62, 63, 74, 75, 76, 77, 78, 84, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 114, 116, 117, 119, 135, 138, 139, 141, 143, 144, 145, 147, 149, 198, 203, 204, 206, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 216, 232, 236, 250, 279

C

Cabo Verde 147, 148, 149, 154, 156, 157, 158
Com amor, Simon 242, 243, 249, 250
Comunidade de território 159, 160, 161, 163
Conflitos Humanos 231
Credibilidade 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240
Crítica à Igreja Católica 86
Cultura 1, 13, 16, 19, 34, 35, 46, 47, 58, 60, 62, 70, 74, 83, 84, 85, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 118, 123, 125, 126, 127, 128, 131, 144, 145, 148, 149, 158, 163, 164, 165, 167, 169, 210, 216, 221, 224, 251, 257, 261, 263, 266, 272, 273

D

Décio de Almeida Prado 206, 211, 212, 213, 216
Diálogos Literários 147
Dramaturgia 206, 210, 211, 213, 216, 217, 218, 221
Dyonélio Machado 43, 49

E

Edição 17, 50, 51, 89, 106, 107, 109, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 146, 148, 165, 205, 208, 250

Ensino de literatura 139, 141

Ensino de poesia 139

Epistemologia 43, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240

Epistemologia do Romance 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240

Espaço 1, 3, 11, 12, 14, 32, 40, 44, 48, 52, 78, 87, 91, 100, 102, 103, 126, 127, 133, 137, 149, 151, 154, 155, 156, 159, 160, 161, 163, 164, 170, 185, 198, 214, 215, 232, 233, 234, 235, 237, 246, 248

Espaço literário 32, 160

Esperpentos 86, 91, 92, 94

Estética da Recepção 14, 17

Estratégia contradiscursiva 64, 69

Estudos Comparados de Literatura 118, 119

Evangelhos 252, 253, 257, 260

Existencialismo 263

F

Fausto 144, 263, 266, 267, 268, 269, 270

Ficção 1, 9, 10, 11, 13, 17, 20, 29, 37, 42, 63, 66, 74, 75, 76, 82, 84, 96, 99, 142, 189, 208, 231, 234, 235, 236, 240, 242, 250

Folclore 106, 113, 143

G

Goethe 263, 266, 267, 268, 269

Grande sertão: veredas 14, 15, 16, 17, 19

Guimarães Rosa 14, 15, 16, 17, 18, 19, 49, 101, 208

H

Hernâni Donato 32

Herói 36, 45, 51, 54, 55, 56, 58, 61, 64, 65, 68, 91, 104, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 230, 237

Hilda Hilst 185, 193, 194

História 2, 5, 6, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 29, 30, 32, 36, 42, 44, 53, 55, 57, 58, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 73, 74, 76, 82, 84, 89, 93, 96, 104, 105, 113, 114, 124, 126, 127, 128, 130, 131, 138, 140, 150, 151, 157, 158, 159, 161, 165, 188, 201, 209, 211, 216,

224, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 239, 249, 250, 251, 252, 253, 257, 258, 259, 261, 266, 269, 270

Homossexualidade 242, 244, 245

Humanização 139

I

Iconotextos 20, 21, 23, 29, 30

Imaginário 13, 96, 107, 118, 120, 124, 125, 127, 128, 149, 150, 161, 217, 218, 220, 222, 270

Indigenismo 95, 99

Inquérito 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117

Interlocução 185, 187, 190, 193, 194

J

Jornais 78, 84, 88, 110, 115, 129, 131, 132, 133, 134, 136, 165, 214, 215, 236

Jornalismo 231, 232, 235, 236, 237, 241

José Craveirinha 159, 160, 161, 163, 165, 166

José de Alencar 74, 75, 76, 77, 212, 215

K

Kiriku e a feiticeira 118, 119, 128

L

Leitura 3, 9, 12, 17, 61, 76, 77, 101, 109, 111, 113, 114, 127, 129, 130, 132, 134, 136, 137, 138, 141, 142, 143, 145, 149, 159, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 212, 234, 238, 239, 244, 248, 249, 250, 281

Lírica 160, 170, 171, 182, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194

Literatura 2, 2, 3, 5, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 30, 32, 43, 46, 48, 49, 57, 58, 62, 64, 72, 74, 76, 78, 82, 83, 84, 86, 91, 95, 96, 98, 99, 101, 104, 105, 110, 117, 118, 119, 124, 128, 129, 130, 131, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 170, 171, 188, 194, 195, 196, 198, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 220, 231, 232, 236, 240, 242, 243, 244, 246, 250, 251, 252, 261, 263, 265, 266, 269, 281

Literatura Comparada 14, 158, 206, 208, 209, 210, 211, 216

Literatura de Recepção Infantil 118

Literatura e História 20, 32, 128

Literatura espanhola 86

Lucien Goldmann 43, 62

M

Mal 37, 38, 51, 87, 89, 94, 120, 121, 122, 123, 124, 132, 138, 143, 174, 223, 226, 230, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 265, 269, 270

Manuel Bandeira 147, 148, 149, 151, 152, 156, 157, 158

Mefistófeles 263, 266, 267, 268, 269

Memória 3, 8, 11, 13, 16, 63, 64, 68, 69, 71, 72, 73, 84, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 165, 187, 193, 194, 195, 223

Meta ficção historiográfica 20

Metáfora 59, 92, 112, 153, 167, 168, 169, 171, 172, 175, 177, 178, 179, 183, 237, 255, 256

Metalinguagem 155, 167, 168, 170, 183

Monteiro Lobato 106, 117

N

Narrativa de tensão 32

Ngungunhane 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73

O

O Homem Decomposto 217, 221

O retrato do rei 20, 21, 29, 31

Oswaldo de Alcântara 147, 148, 149, 151, 152, 154, 156

P

Paulo Freire 43

Periódico católico 74, 79, 83

Poesia 10, 17, 91, 107, 108, 117, 139, 148, 149, 151, 152, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 178, 179, 180, 181, 183, 185, 186, 187, 188, 190, 193, 194, 195, 207, 210, 211, 213, 223, 224, 225, 228

Política Pública 196, 198, 202, 203

Prisão 36, 66, 70, 92, 196, 200, 202, 203, 205, 227

Processo intermediático 20, 21, 29

R

Realidade 1, 3, 6, 8, 10, 18, 20, 25, 28, 29, 32, 40, 41, 45, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 69, 70, 82, 91, 92, 93, 102, 104, 106, 112, 126, 133, 143, 147, 151, 154, 156, 161, 168, 176, 181, 198, 199, 208, 213, 214, 217, 218, 220, 221, 222, 224, 228, 229, 232, 234, 235, 236, 240, 245, 246, 263, 264, 270

Reescrita 64, 252, 254

Renamo 1, 2, 4, 6, 8, 10, 12, 68
Ressocialização 196, 198, 200, 202, 203
Romance adolescente 242, 244
Romance gráfico 252, 253, 257, 261
Romantismo 74, 75, 76, 77, 82, 84, 206, 210, 212

S

Saci Pererê 106, 107, 113
Século XIX 26, 138
Simon vs. a agenda Homo Sapiens 242, 244
Sociologia da literatura 43
Subjetividade 10, 130, 132, 159, 186, 193, 194
Subjetividades 185, 186, 195, 271, 279

T

Teatro Decomposto 217, 220
Tradição 11, 15, 17, 23, 56, 64, 77, 102, 107, 127, 148, 171, 188, 193, 199, 206, 207, 208, 213, 214, 215, 243, 252, 266
Transculturaçãõ 95, 96, 97, 100, 101, 102, 104, 206, 209

V

Valle-Inclán 86, 91, 92, 93, 94
Velhice 14, 16, 18, 19, 268
Violência 1, 8, 12, 34, 36, 50, 51, 53, 55, 56, 59, 62, 126, 211, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261
Voz 3, 7, 11, 13, 18, 49, 52, 62, 75, 93, 96, 97, 100, 111, 114, 122, 124, 125, 126, 128, 148, 160, 163, 168, 169, 171, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 234, 238, 255, 273

Reflexão Estética da Literatura 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

Reflexão Estética da Literatura 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020